

EU SOU DAQUELES QUE VÃO ATÉ O FIM: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE E O CUIDADO DE SI EM MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Rodrigo Xavier*

Se podemos afirmar que há na obra de Mário de Sá-Carneiro algo que coincide no interior das análises propostas pelos críticos ao longo dos quase cem anos que separam este 19 de novembro de 2014 do 26 de abril de 1916 – data do suicídio do escritor – é a relação estreita entre sua poética e sua biografia. De fato, como menciona Madalena Jorge Dine, os escritos de Sá-Carneiro apresentam um “Eu poético passível de directa identificação [...] presentificando e fixando um percurso existencial encerrado com o suicídio anunciado” (DINE, 2000, p. 47). Esse percurso existencial do qual nos fala Madalena, e que constitui um traço indelével na poética de Sá-Carneiro, é também repositório para que pensemos o quanto de sua obra é inaugural no sentido de afirmar uma categoria-conceito que surgia com a poética da modernidade encampada pela Geração de Orpheu, esta influenciada de maneira capital pela poética francesa finissecular encampada por Rimbaud e Mallarmé. Categorias filosóficas do pensamento pós-cartesiano como cisão e fragmentação ou para usar um termo caro a Luiz Costa Lima, fratura do sujeito, materializam-se na dispersão do Eu presentificada na obra de Sá-Carneiro de forma singular no cenário da poesia portuguesa.

Ora, neste sentido a obra de Sá-Carneiro pode ser compreendida como o “Estado da Arte” de uma nova espécie de poética na literatura lusófona cujo tema é o esfacelamento do sujeito. É evidente que o mencionado esfacelamento já era de alguma forma ensaiado no projeto heteronímico de Eça de Queirós com o seu Fradique Mendes, ou até mesmo em outros poetas do fim de século português, em especial Camilo Pessanha, que nos poemas de *Clepsidra* anuncia de maneira emblemática, até mesmo surrealista, a inevitável confirmação dessa nova maneira de se compreender o sujeito, quer pela aproximação de um tempo de incertezas e iconoclastia, quer, em especial, por conta da crise da representação de um sujeito categoricamente cartesiano, uno e auto-centrado. Cito Pessanha em *Final*, originalmente, poema sem título atribuído a si:

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
_ Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânicas,
No limbo onde esperais a luz que vos batize,

* Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UTFPR (PPGL). Bolsista Visitor Scholar CAPES-Fulbright – Universidade de Chicago.

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frentes cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis. (PESSANHA, 1997, p. 52)

Em Final, parece mesmo o poeta certificar a crise da *mimesis* em fins do XIX. A gradação dos solitários versos que separam cada uma das estrofes sugere um crescente abandono e impossibilidade, que se concretiza numa aparente redenção aproximada a estética mal-do-século: “Adormecei. Não suspireis. Não respireis.” Num jogo de contrários e paradoxos bastante próximo ao próprio poema *Dispersão de Sá-Carneiro*, Final é contundente na construção de uma identidade de fragmentação, mas é em Sá-Carneiro que proponho a inauguração do Estado da Arte da fratura na poesia lusa, como podemos já verificar em *16*, número que “curiosamente” remete à data de seu nascimento e ano de sua morte:

... As mesas do Café endoideceram feitas ar
Caiu-me agora um braço...
olha lá vai ele a valsar, Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...
(Subo por mim acima como por uma escada de corda
E a minha ânsia é um trapézio escangalhado...) (SÁ-CARNEIRO, 2010, p. 247).

O poema, escrito em Maio de 1914, funciona como uma espécie de “receita” para ler a obra de Sá-Carneiro, que anuncia, num poema que constitui uma espécie de poética, que é “Esta inconstância de” ele “próprio em vibração” “é que há de transpor as zonas intermédias”, podendo ser interpretadas como uma espécie de limites encontrados pelo Mario de Sá-Carneiro pessoa física, com registro civil, número de seguro social, etcetera versus o poeta Sá-Carneiro, sujeito de sujeitos, como o Lucio, a Marta e que e o Ricardo de *A Confissão de Lúcio*.

Segue Sá-Carneiro, entre “cristais de inquietação”, que retinem, que ondulam, por meio de uma existência paúlca, que atinge o êxtase melancólico no abismar de gumes, nos quais “a atmosfera há de ser outra”. Contudo, clarivamente, segundo o tom paradoxal caro a Sá-Carneiro, o eu-poemático profetiza o seu fim –também fim do poeta – no qual “as rãs hão de” coaxar-lhe “em roucos tons humanos” vomitando-

-lhe a própria carne “que comeram entre estrumes. Aliás, como bem coloca Fernando Pessoa, em carta dedicada ao amigo morto:

Assim ao génio caberá, além da dor da morte da beleza alheia, e da mágoa de conhecer a universal ignorância, o sofrimento próprio, de se sentir par dos Deuses sendo homem, par dos homens sendo deus, êxul ao mesmo tempo em duas terras. (PESSOA,1980, p.149).

O poema *16* serve ao mesmo tempo de exórdio e de epílogo da vida desse herói maldito, espécie de texto inaugural e final que apresenta uma obra que possui o motivador do autoconhecimento ou autoquestionamento sobre o conhecimento e o cuidado de si em seu núcleo duro. Particularmente neste poema, escrito em deambulação entre os meses de fevereiro e setembro de 1914 nas cidades de Paris, Barcelona e Lisboa, o poeta apresenta como tema central o “eu-metade” o “eu-intermédio”, o “eu-ter-sido”, eixo que também perpassa tantos outros poemas como *Apoteose* e *Taciturno*. Cito mais três versos de *16*: “A cada passo a minha alma é outra cruz, / E o meu coração gira: é uma roda de côres... / Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...”. (SÁ-CARNEIRO, 2010, p. 247)

Este questionamento que paira sobre um sentido da vida e do existir, sobre estar perdido ou enganado sobre aquilo que se é, ou que se pensava ser, a relação estabelecida de maneira desconexa entre desejo e querer e as desilusões, as utopias e as distopias da vida cotidiana remetem, mesmo que tangenciada para as reflexões de Michel Foucault ao afirmar que o imperativo do conhece-te a ti mesmo não desapareceu na idade moderna, mas ganhou outro sentido, ao qual transborda a singela atividade do conhecer a si mesmo, por integrar-se a um conjunto vasto de significações que não remete apenas à dimensão de atitude de espírito, formas de atenção e de memorização, ritos de pertencimento. Bem mais que isso, envolve a prática de si mesmo e “refere-se a uma forma de atividade, atividade vigilante, contínua, aplicada, regrada, etc.” (FOUCAULT, 2014, p.77). Neste sentido, o cuidado de si deve ter o objetivo de fim em si mesmo, do ocupar-se de si como uma prática de vida, prática que se revela como crítica e inventiva sobre si mesmo que reflita na prática de liberdade sobre si mesmo.

Ora, Sá-Carneiro parece buscar o exercício dessa prática de liberdade, pelo menos naquilo que diz respeito à sua atividade literária. No sentido do cuidado de si proposto por Foucault, ressalta-se que o ocupar-se consigo mesmo indica uma relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 196-197). Contudo, obviamente estou aqui talvez superinterpretando o texto de Foucault justamente para estabelecer um contraponto com o conceito em Sá-Carneiro. O poeta português indaga a todo o momento em sua obra o lugar-do-ser. Num sentido Heideggeriano, é na linguagem que o ser-e-o-não-ser do agente poético em sua obra se detém ao cuidado de si, pois toda essa busca esbarra na desdita ofertada pelo mundo, quer do ponto de vista ontológico – a sexuali-

dade controversa, o problema com a auto-imagem – quer do ponto de vista circunstancial – fatos isolados associados ao contexto sócio-político-cultural que vieram a contribuir para o seu suicídio em 1916.

Há toda uma fortuna crítica que aponta a poética de Sá-Carneiro como uma espécie de autopsicanálise, que de alguma forma frustra pelo resultado vivido pelo escritor, mas ao contrário cuida que o processo de uma certa forma seja profícuo ao autor. Já na adolescência há traços da angústia existencial característica da personalidade de Sá-Carneiro quando escreveu a certa altura “... deixo de ser Eu mesmo em relação ao que me envolve... vivo só em metade de mim”. Desenvolve o tema, dois anos mais tarde na novela *Eu próprio o Outro* que inicia com uma imagem de pesadelo: «Sou um punhal dourado cuja lâmina embotou; tenho a minha alma presa num sagoão», para terminar com a obsessão da morte violenta do Eu-próprio: “Enfim, o triunfo. Matá-lo-ei esta noite...quando ele dormir” (SÁ-CARNEIRO, 2010, p. 84) - Talvez como faz com Marta e Ricardo. O fato é que a escrita foi o catalisador da angústia de viver do poeta, e neste sentido o cuidado de si cabe como conceito ambíguo, porque cuidou-se de um Eu que não conseguiu cuidar de si próprio como sujeito, mas que, voltando à abordagem heideggeriana, trata-se aqui de um ser que se realiza completamente na linguagem, o que me faz lembrar de algumas palavras de Gaston Bachelard em seu texto *A poética do Devaneio*: “É pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consciencial de toda verdadeira poesia”. (BACHELARD, 1988, p.35-36).

Busquei aqui tecer algumas considerações desse estudo ainda incipiente sobre a relação da poética de Mário de Sá-Carneiro com o estabelecimento de um Estado de Arte na questão da fratura do sujeito moderno por intermédio de sua obra e de uma visita possível ao conceito de Cuidado de Si em Foucault, traçando um paralelo na relação que pode ser estabelecida com a Psicanálise e o Existencialismo. Fica aberta a possibilidade de maior aprofundamento nas questões levantadas...

Resumo: O presente texto tece algumas considerações sobre o Estado da Arte e o Cuidado de si na poética de Mário de Sá-Carneiro. Nesse sentido, é possível afirmar que o poeta suicida português inaugura uma estratégia de encarnação da angústia finissecular europeia. Essa busca em captar a íntima subjetividade e transformá-la em poesia marca sua obra de maneira indelével.

Palavras-chave: Sá-Carneiro, angústia, fim de século

Abstract: *This work aims to present some considerations about the concept of the State of Art and the Self-care into Mário de Sá-Carneiro's poetical writing. In this sense, it is possible to consider that the suicidal Portuguese poet begins a strategy of the anguish incarnation that belongs to the end of 19th century in Europe. This attempt to capture the intimate subjectivity and to transform it into poetry is remarkable in his works.*

Keywords: *Sá-Carneiro, angústia, fin-de-siècle*

Résumé: *Ce texte propose quelques considérations sur la situation de l'art et sur le regard attentif sur soi-même dans la poétique de Mário de Sá-Carneiro. Dans ce sens, on pourrait affirmer que le poète suicide portugais inaugure une stratégie d'incarnation de l'angoisse européenne fin de siècle. Ce désir de saisir la subjectivité intime et de la transformer en poésie introduit dans son oeuvre des marques indélébiles.*

Mots-clés: *Sá-Carneiro, angoisse, fin-de-siècle*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DINE, Maria Madalena Jorge; FERNANDES, Marina Sequeira. A poesia de Mário de Sá-Carneiro. In: _____. *Para uma leitura da poesia modernista: Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros*. Lisboa: Presença, 2000.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. (Ditos e Escritos. Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e Poesias Dispersas*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.
- PESSOA, Fernando. *Textos de Crítica e de Intervenção*. Lisboa: Ática, 1980
- SÁ-CARNEIRO, Mário. *Verso e Prosa*. Porto: Assírio & Alvim, 2010.